
Desenvolvimento e transferência de habilidades para a vida no esporte de alto rendimento: um estudo autoetnográfico

*Eduardo Leal Goulart Nunes,
Vitor Ciampolini,
Michel Milistetd*

Resumo

O objetivo deste estudo foi apresentar as percepções de um ex-atleta de voleibol sobre as experiências de desenvolvimento e transferência de habilidades para a vida. Por meio de uma abordagem qualitativa, uma autoetnografia colaborativa foi realizada para descrever as experiências pessoais do primeiro autor ao longo da trajetória esportiva e após o encerramento da sua carreira. A apresentação dos dados por meio de vinhetas-retrato destacou que o desenvolvimento de habilidades para a vida ocorreu por meio das experiências vivenciadas no contexto de alto rendimento no voleibol e foram potencializadas por pessoas chave e momentos marcantes de amadurecimento pessoal e profissional. Além disso, as habilidades para a vida desenvolvidas durante a carreira esportiva foram aplicadas nos contextos acadêmico, profissional (no papel de treinador esportivo) e empresarial. Este estudo sugere que mesmo que o esporte de alto rendimento proporcione experiências intensas de prazeres e frustrações ao atleta, o desenvolvimento de habilidades para a vida destaca-se como um contributo psicossocial significativo deste contexto. Por fim, estudos futuros são necessários no intuito de avançar as pesquisas científicas na área do desenvolvimento humano por meio do esporte, sobretudo, no ambiente de alto rendimento.

Palavras-chave: Autoetnografia, Voleibol, Desenvolvimento Humano.

Development and transfer of life skills in high-performance sports: an autoethnographic study

Eduardo Leal Goulart Nunes, Vitor Ciampolini, Michel Milistetd

Abstract

This study aimed to present the perceptions of a former volleyball athlete regarding the experiences of development and transfer of life skills. A collaborative autoethnography was carried out through a qualitative approach to describe the personal experiences along his sports trajectory and after the end of his career. Data were presented through portrait vignettes and highlighted that the development of life skills occurred through the experiences lived in the context of high performance in volleyball and were enhanced by key people and meaningful moments of personal and professional development. In addition, the life skills developed during the athletic career were later applied in the academic, professional (as a sports coach), and business contexts. This study suggests that even though high-performance sport provides intense experiences of pleasures and frustrations to the athlete, the development of life skills stands out as a significant psychosocial contribution. Lastly, future studies are needed to advance scientific research in human development through sport, especially in a high-performance context.

Keywords: Autoethnography, Volleyball, Human Development.

Desarrollo y transferencia de habilidades para la vida en el deporte de alto rendimiento: un estudio autoetnográfico

Eduardo Leal Goulart Nunes, Vitor Ciampolini, Michel Milistetd

El objetivo de este estudio fue presentar las percepciones de un ex jugador de voleibol sobre las experiencias de desarrollo y transferencia de habilidades para la vida. A través de un enfoque cualitativo, una autoetnografía colaborativa se llevó a cabo para describir las experiencias personales a lo largo de la trayectoria deportiva y después del final de su carrera. Los datos se presentaron a través de viñetas retrato, destacando que el desarrollo de habilidades para la vida se produjo a través de experiencias en el contexto del alto rendimiento del voleibol, realizado por personas clave y momentos notables de maduración personal y profesional. Además, se descubrió que las habilidades para la vida desarrolladas durante la carrera deportiva se aplican actualmente en otros contextos, como el académico, el profesional (en el rol de entrenador deportivo) y empresarial. Este estudio sugiere que a pesar de que el deporte de alto rendimiento proporciona intensas experiencias de placeres y frustraciones al deportista, el desarrollo de habilidades para la vida se destaca como una importante contribución psicosocial en este contexto. Finalmente, se necesitan estudios futuros para avanzar en la investigación científica en el área del desarrollo humano a través del deporte, especialmente en el contexto de alto rendimiento.

Palabras-clave: Autoetnografía, Voleibol, Desarrollo Humano.

Resumen

Introdução

Sob os aspectos do fenômeno cultural, social e econômico, o esporte contemporâneo tem se constituído com novos significados, tornando-se ferramenta importante na promoção do desenvolvimento humano (Côté, Strachan, & Fraser-Thomas, 2008; Lee & Martinek, 2013). De acordo com pesquisas realizadas nas últimas décadas sobre os contributos da prática esportiva, destaca-se o desenvolvimento de competências intrapessoais (por exemplo, gestão do tempo) e interpessoais (por exemplo, comunicação) (Danish, 1983; Danish, Forneris, Hodge, & Heke, 2004). Na literatura internacional, essas competências têm sido reconhecidas como *life skills*, as quais se traduzem para “habilidades para a vida” (HV), em português (Ciampolini, Milistetd, Kramers, & Nascimento, 2020). Para que sejam consideradas HV, tais competências devem transpor os limites esportivos para outros contextos da vida, como escola, família, vizinhança e trabalho. Do contrário, consideram-se unicamente como habilidades para o esporte (Ciampolini, Milistetd, Kramers, et al., 2020). A partir do conceito de HV, pesquisadores têm buscado investigar a medida em que o envolvimento em diferentes contextos esportivos pode contribuir para o desenvolvimento de competências que transcendem o esporte (Ciampolini, Milistetd, Milan, et al., 2020; Hardcastle, Tye, Glassey, & Hagger, 2015).

No esporte de alto rendimento, especificamente, o atleta busca alcançar os melhores níveis de desempenho esportivo por meio de intensos períodos de treinamento e de competição. As pressões psicológicas e fisiológicas inerentes aos treinamentos, competições e a organização social do esporte, qualificam o desempenho esportivo como um fenômeno complexo que é afetado pelas características individuais e por fatores ambientais (Fontes & Brandão, 2013). A tensão biopsicossocial que o atleta enfrenta exige grande capacidade de adaptação e superação, pois a atividade esportiva é, concomitantemente, fonte de prazeres e frustrações (Fontes & Brandão, 2013; Theberge, 2008). Nesse entendimento, percebe-se que o atleta de alto rendimento é exposto a um ambiente social definido que é regido por normas, códigos, signos e papéis próprios que o diferencia dos contextos de recreação e participação (Wylleman, 2019). Por consequência, sua exposição a esse ambiente parece favorecer o desenvolvimento de HV como a determinação, estabelecimento de metas, trabalho em equipe, resolução de problemas, dedicação, liderança entre outras (Jones & Lavalley, 2009; Subijana, Ramos, Harrison, & Lupo, 2020).

De acordo com Pierce, Gould e Camiré (2017), são diversos os contextos e agentes que influenciam no desenvolvimento e na transferência¹ de HV. Quanto aos contextos, estudos empíricos têm dado destaque para a escola (Goudas & Giannoudis, 2010; Jenny & Rhodes, 2017), os programas esportivos (Camiré, Trudel, & Forneris, 2009; Ciampolini, Milistetd, Milan, et al., 2020) e a família (Jones & Lavalley, 2009; Swann et al., 2018). Já quanto aos agentes, treinadores esportivos e pais normalmente são relatados pelos atletas por favorecerem o desenvolvimento de HV a partir dos próprios comportamentos, do suporte emocional constante e do estabelecimento de relações significativas (Camiré et al., 2009; Jones & Lavalley, 2009). Contudo, muitas das pesquisas com foco em HV são conduzidas nos contextos de recreação, educação e competição de jovens, e o aprofundamento na investigação das características inerentes ao esporte de alto rendimento parece ser um passo fundamental a ser dado pela agenda científica.

¹ O termo “transferência” refere-se ao processo de internalização de uma habilidade psicossocial, atitude, valor ou competência e posterior aplicação desta em outro domínio da vida, além daquele em que foi originalmente aprendido” (Pierce et al., 2017).

De fato, a natureza social e competitiva inerente ao esporte de alto rendimento proporciona aos atletas a oportunidade de mentir, enganar, intimidar, além das consequências negativas relacionadas a lesões e pressão exacerbada por resultado (Romand & Pantaléon, 2007; Theberge, 2008). Além disso, o atleta de alto rendimento passa por experiências e demandas intensas ao longo de sua carreira profissional (Barros, 2008) e, posteriormente, precisa considerar o ingresso em uma nova profissão fora do contexto esportivo (Wylleman, 2019). Portanto, evidencia-se uma lacuna científica no que diz respeito a maneira em que as HV são desenvolvidas no esporte de alto rendimento e transferidas para contextos além do esporte durante a carreira profissional e após a aposentadoria. Diante deste cenário, o objetivo deste estudo é, por meio de uma pesquisa autoetnográfica, apresentar as percepções de um ex-atleta de voleibol sobre as experiências de desenvolvimento e transferência de HV.

Métodos

Desenho do Estudo

O trabalho foi aprovado pelo comitê de ética e pesquisa da Universidade Federal de Santa Catarina sob o parecer n. 2.837.220. Este estudo caracteriza-se como qualitativo de abordagem narrativa por meio do emprego da autoetnografia colaborativa. A perspectiva da autoetnografia pode ser definida como um método a ser usado na investigação e na escrita, tendo como proposta a descrição narrativa da experiência pessoal, a fim de compreender o fenômeno social e cultural que se envolve (Ellis, Adams, & Bochner, 2011). O termo colaborativo atrelado a autoetnografia se remete a busca por maior rigor metodológico devido às críticas recebidas quanto ao aspecto narcisista e autoindulgente da autoetnografia (Holt, 2003; Lapadat, 2017). Nesse sentido, a autoetnografia colaborativa se caracteriza por um processo de reflexão entre os pesquisadores, sendo um deles o próprio objeto de estudo (autoetnógrafo) e o outro o colaborador (neste caso, o último autor do trabalho) (Baker, Zhou, Pizzo, Du, & Funk, 2017; Lapadat, 2017).

Com base na narrativa pessoal, a pesquisa autoetnográfica é particularmente adequada para investigar o significado que o indivíduo traz para o mundo, como decifra e compreende suas experiências, transmitindo essas interpretações aos leitores (Rinehart, 2005). Portanto, a experiência tácita documentada através do processo autoetnográfico colaborativo pode fornecer informações sobre tópicos sensíveis do contexto estudado, melhor capturados através da experiência pessoal e autorreflexão (Kerwin & Hoeber, 2015).

Participante - Perfil do Autoetnógrafo

Minha longa e intensa vivência na modalidade do voleibol dentro do contexto do esporte de rendimento traz ao estudo diversas experiências instigantes para investigação dentro do ambiente esportivo. Ingressei na

modalidade aos 11 anos de idade e, até hoje, aos 35 anos, vivencio o esporte de rendimento. Durante minha trajetória de vida tive a oportunidade de conviver com grandes referências do voleibol mundial. Pude representar o estado do Paraná - onde inicio minha trajetória esportiva - em competições nacionais que favoreceram minha convocação à seleção brasileira infanto-juvenil. A partir deste período, a caminhada para profissionalização foi rápida e me levou ao ingresso em uma equipe adulta precocemente, ainda como atleta juvenil. A pronta iniciação ao voleibol profissional juntamente aos primeiros anos defendendo equipes no voleibol de elite nacional me abriram portas para a elite profissional de outras nações, a começar pela Argentina e, posteriormente, defendendo equipes ao longo de vários anos pela República Tcheca, Estônia, Bahrein, Alemanha, Bélgica e Irã.

No ambiente acadêmico, meu ingresso foi tardio em função dos compromissos esportivos impostos pelo ambiente de alto rendimento. Apesar de ter cursado parte da graduação em Engenharia da Computação e, posteriormente, Fisioterapia durante meus primeiros anos como atleta profissional enquanto ainda atuava no Brasil, foi somente aos 30 anos de idade que ingressei no curso de graduação em Educação Física. Em seguida, também conclui um curso de mestrado na área.

Colaborador Autoetnográfico

Neste estudo, eu (último autor) como colaborador autoetnográfico, fui o orientador do trabalho. Minha formação acadêmica é de graduação e pós-graduação (doutorado) em Educação Física. Atuo majoritariamente em pesquisas qualitativas, com experiência na área de formação e desenvolvimento de atletas e treinadores. Além do meu papel na formação acadêmica do primeiro autor, destaco que nossas vidas se entrelaçaram no contexto esportivo vivido quando também fui atleta de voleibol. Fomos colegas de quadra entre os 14 e 18 anos de idade, partilhando diversas experiências na dimensão do esporte de rendimento. Assim, o meu papel no processo de estimulação, argumentação e potencialização reflexiva do primeiro autor, foi fundamental para alcançar a profundidade necessária para o estudo.

Procedimentos

O processo de geração de dados inicial deu-se de forma introspectiva, na qual o primeiro autor recorreu aos momentos marcantes de sua trajetória esportiva para reportar no seu Rappaport Time Line (RTL). O Rappaport Time Line (RTL) consiste em uma ferramenta de coleta de dados que visa apresentar de maneira ilustrativa os acontecimentos da vida de um indivíduo de maneira cronológica ao longo de uma linha do tempo (Rappaport, Enrich, & Wilson, 1985). Outros estudos conduzidos no contexto esportivo também adotaram esta estratégia de recapitulação da trajetória de vida (Ciampolini, Tozetto, Milan, Camiré, & Milistetd, 2020; Tozetto, Galatti, Scaglia, Duarte, & Milistetd, 2017). O estudo de Tozetto et al. (2017), por exemplo, o aplicou por meio de uma folha de papel em branco medindo 210mm x 297mm com as palavras "nascimento" e "presente" escritas nas extremidades opostas da folha e instruindo os participantes "a relatar eventos importantes, marcos e transições na sua vida, de modo detalhado e dividido em períodos de tempo" (p.55). Para os propósitos deste estudo, os termos usados no instrumento RTL foram "início da trajetória esportiva" e "dias atuais".

Na intenção de facilitar o acesso às lembranças mais profundas sobre a própria trajetória, o primeiro autor recorreu aos documentos, fotos e pertences que marcaram sua história. Posteriormente, foi entregue em mãos ao colaborador o primeiro tópico da autoetnografia para apreciação e agendamento da primeira reunião. Nesta reunião, o colaborador abordou os aspectos a ele pertinentes e juntos, colaborador e autoetnógrafo, refletiram sobre suas experiências e percepções acerca do tópico. Após a reunião, o primeiro autor realizou o processo de introspecção a partir das reflexões oriundas de sua reunião com o colaborador, reestruturando a escrita do primeiro tópico.

O passo seguinte foi o reenvio do primeiro tópico da autoetnografia ao colaborador para sua reanálise, juntamente com o envio do segundo tópico e agendamento de nova reunião. Na segunda reunião foram realizados os mesmos passos da reunião anterior, levando em consideração o segundo tópico da autoetnografia. Este procedimento se repetiu até o fechamento da autoetnografia. Os temas geradores dessas reuniões estiveram suportados pelo entendimento da carreira esportiva e pós-carreira esportiva do autor (Iniciação na carreira esportiva; Experiências nas categorias de Base; Vivência no Esporte Profissional; Transferência de HV para outros contextos após carreira esportiva). Ressalta-se que o segundo autor deste trabalho assumiu a função de amigo crítico externo, desde a concepção do estudo à compreensão dos dados. Discussões regulares ocorreram para incentivar a reflexão e refinar interpretações dos resultados à medida que se tornavam mais complexos (Smith & McGannon, 2018).

Análise de Dados

Para apresentação da análise e redação dos resultados do estudo selecionou-se as vinhetas. O uso de vinhetas nas Ciências do Esporte tem se tornado frequente para elucidar dados qualitativos por meio de trechos narrativos (Callary, Werthner, & Trudel, 2012; Schinke, Blodgett, McGannon, & Ge, 2016). As vinhetas podem ser apresentadas de três maneiras: (a) Instantânea - desenvolvidas a partir de observações do investigador; (b) Retrato - apresenta as características e experiências do entrevistado; e (c) Composta - Integra as experiências de diversos participantes, criando uma única estória (Spalding & Phillips, 2007). No presente estudo, optou-se em utilizar a vinheta-retrato para apresentar os resultados da autoetnografia colaborativa, fortalecendo a estrutura narrativa do trabalho.

Resultados

Primeiras Experiências Esportivas

Minha vida esportiva iniciou muito cedo, tive meus primeiros contatos com esportes através da natação. Não foi nada muito duradouro, mas foi meu primeiro contato com aulas/treinamentos. Contudo, considero que minha inserção ao esporte de maneira mais estruturada e dedicada foi através das artes marciais. Fui carateca dos 8 aos 12 anos, muito por influência do meu pai, apreciador das artes marciais. As situações de treinamento com suas rotinas e as competições que vivi no karatê foram, sem dúvidas, os gatilhos para as maiores aprendizagens que tive lá: a disciplina, a dedicação, o respeito e o

comprometimento. Quando me refiro às situações que me marcaram nessa trajetória no karatê, trago à tona as aprendizagens que o próprio ambiente proporciona, afinal, entrar em uma academia de artes marciais é algo que nos altera até a forma de ser, pois há uma cultura de hierarquias, cumprimentos, respeito, suor, dor, satisfação e autoconhecimento que embebedam o "lutador" que ali se insere.

O voleibol surgiu em minha vida aos 11 anos de idade durante o horário de recreio da escola onde eu ouvia o barulho de bolas batendo intermitentemente contra o chão e paredes. Curioso, me aproximei pouco a pouco por semanas para assistir o que acontecia. Cada semana me encantava mais os fortes ataques, as defesas "impossíveis" e as comemorações de satisfação que os "maiores" faziam. Certo dia, o treinador me abordou perguntando se eu jogava vôlei e se eu queria treinar. Acanhado, respondi que não jogava, mas que queria fazer aula. Desse momento em diante nunca mais larguei o voleibol, pois nenhum outro esporte me brilhava aos olhos, nem mesmo o karatê, o qual deixei de praticar naquele mesmo ano.

Meu primeiro treinador me marcou muito pela seriedade passada durante os 4 anos que fui dirigido por ele. Lembro bem que nossos treinos tinham muitos jogos e muitas broncas também. No entanto, eu não saía chateado com isso, a forma séria, porém objetiva de dirigir a palavra não davam brecha para qualquer mal-entendido. Outro aspecto marcante que tenho deste período é que não tínhamos um grande elenco quando comparado a outras escolas/clubes. Mesmo assim, ganhávamos muitos torneios e tenho muita convicção de que era fruto do encorajamento e comprometimento que o treinador conseguia gerar. Ao mesmo tempo que dava suas broncas, ele também nos dava total confiança para arriscarmos a todo momento e, por meio dessas situações, eu fui ganhando "força interior" para os momentos difíceis das partidas.

Treinamento das Categorias de Base

Aos 14 anos, por ser a última categoria de voleibol da minha escola, meu treinador sugeriu que eu migrasse para um determinado clube esportivo da cidade vizinha. Com toda a confiança que eu tinha nele, nem pensei duas vezes e fui. Nesta equipe formamos uma "família". O ambiente de um clube esportivo era mais uma novidade para mim. Passei a treinar cinco vezes por semana e com a seriedade de uma equipe profissional, apesar de ainda me sentir jovem. A rotina de treinamento, ainda que cansativa e estressante, era recompensada pelos momentos de satisfação de uma vitória, de um título, dos elogios e de se sentir evoluindo.

Comecei a entender que havia um plano a ser seguido e que esse plano era o caminho para a vitória. Recordo-me bem da "salinha" abaixo da arquibancada do ginásio que treinávamos, onde os treinadores rabiscavam em seus cadernos alguns códigos e desenhos com nossos nomes. Eram os planos de treino. Eu tentava espiar o que estava escrito, mas não entendia muita coisa, só sabia que aquilo seria o treino do dia. Na preparação para os jogos era a mesma coisa, os treinadores nos passavam em detalhes as características técnico-táticas do adversário que enfrentaríamos, com direções de ataques, opções de saque, pontos fracos, fortes e o que deveríamos fazer para aquela partida.

Dos 14 aos 18 anos de idade muita coisa se formou em mim. Meu caráter foi consolidado, a seriedade, o trabalho duro, o senso de coletividade, a dedicação e a capacidade de suportar pressão foram se desenvolvendo. Nos colocar a jogar com equipes mais fortes e mais velhas e nos colocar a tomar decisões em quadra sem se preocupar se ganharíamos a partida ou não, são situações que me recordo dos treinadores fazendo nesta época. Enfim, durante esse período das categorias de base foram muitas viagens, muitas malas feitas e desfeitas, muitos jogos disputados, muitas frustrações, muitos retornos para casa com "clima de velório" por uma derrota inesperada, mas as alegrias que vivi eram muito mais significativas e desafiantes para me manter firme e focado no dia a dia.

Primeiras Experiências Profissionais

Minha preparação para a categoria adulta foi tão bem realizada no período das categorias de base, que não senti muita diferença nas questões de treinamento ao me integrar a uma equipe profissional, a não ser a carga horária de treinamento que mais uma vez aumentou, agora treinava duas vezes por dia. Além disso, agora a cobrança passou a ser maior, tinha a torcida que cobrava, tinha crítica da imprensa, tinha dirigente da equipe que entrava no vestiário para cobrar resultado, eu não tinha mais um treinador que era quase pai e os colegas de equipe não eram mais da mesma idade para dividir angústias. Eu percebia também muita disputa de ego, uns achavam que deveriam jogar mais do que outros, tinham pequenos grupos que se formavam por afinidade e isso parecia descaracterizar um pouco o senso de equipe que eu havia aprendido até o momento. Nesse ambiente, comecei a ser cobrado pelos colegas também, algo que nas categorias de base não acontecia e eram nestes momentos que os egos se exaltavam muitas vezes. Por isso, hoje vejo que a gestão de pessoas foi o grande aspecto que vivenciei nesses primeiros anos de profissional no qual eu acabava ficando atento a cada pequeno detalhe do novo ambiente que estava sendo exposto.

A comunicação foi outro ponto que tive grande evolução. Não digo que foi, necessariamente, a partir do ambiente profissional. Certamente lá atrás na "base" também tive um pouco deste desenvolvimento. No entanto, quando estamos na "base" não temos muita vez para falar, somos muito mais comandados e obedientes do que no profissional. Os momentos pré-jogo para definir a estratégia para tentar vencer alguma equipe era muito mais debatida pelos atletas no profissional do que na "base", em que o treinador já nos dizia o que deveria ser feito no jogo. No próprio treinamento, muita conversa acontecia entre levantador e atacante, passador e passador, jogadores na rede para combinar o bloqueio. Assim, vejo que fui aprendendo a me colocar em frente aos outros, a tornar-me mais confiante em falar para o grupo e expor as minhas opiniões.

Consolidando a Identidade Profissional

No Brasil, joguei cinco temporadas da superliga nacional, mas foi somente na quarta temporada que fui me sentir confortável atuando no profissional. Nessa temporada também troquei de equipe e passei a jogar como titular, assumindo mais responsabilidades no time. Passei a fazer parte ativa daquelas situações de brigas de ego, formação de pequenos grupos dentro da equipe, diferenças de interesses pessoais etc. Acredito que isso seja

um processo comum desta fase de transição e eu acabei me deparando com meu ego sendo atacado em certos momentos. Tive também sentimentos de injustiça dentro da equipe por ter ficado de fora em um momento ou outro e passei a me ver criando algumas discussões que não levavam a manutenção da integridade do grupo.

Entrar em quadra sabendo que você tem um papel fundamental na equipe era algo também muito motivador, até a partida começar, depois disso passava a ser mais uma pressão a ser suportada. O percurso do vestiário para o aquecimento e, posteriormente, para o jogo, era o momento em que torcedores, patrocinadores e dirigentes passavam por mim querendo dar um aperto de mão e desejar boa sorte. Eu sentia no olhar deles a satisfação de estar ali, mas as cobranças implícitas também aconteciam: "não vamos perder não, né?". Não era a forma ideal de receber uma motivação para o jogo, mas faz parte do ambiente e aos poucos fui aprendendo a lidar com essas situações. A cada saída de zona de conforto na carreira, algum aspecto se aflorava, me mostrando que eu ainda era um profissional imaturo e eram nestes momentos que os treinadores tinham um papel fundamental. A maneira como o treinador compreende e administra estas transições na carreira do atleta é o que julgo ser o grande diferencial entre os treinadores de elite e os demais.

Pedras no Caminho ao Longo da Jornada

Meu primeiro clube no exterior foi na Argentina, eu estava em plena forma física quando terminei meu contrato no Brasil e já parti para lá. Foi uma experiência incrível jogar em outro país. Nessa equipe, eu dividia apartamento com outros dois brasileiros, então a adaptação não foi algo complicado. Contudo, ser estrangeiro era ser julgado a todo momento pelos locais, por estar "tirando" a vaga de um deles. Neste contexto, o treinador - que também era local - já não tomava muita responsabilidade para lidar com isso. Mais uma vez aquela imaturidade profissional se aflora.

Da Argentina, fui jogar na Europa, e mesmo compreendendo que o ambiente profissional do voleibol acabou me levando a desenvolver algumas competências intrapessoais, foi na Europa que esses aspectos foram ainda mais evidentes. Tive passagens pela República Tcheca, Estônia, Alemanha, Bélgica, além de ter duas breves passagens no mercado Árabe (Barein e Irã) em meio aos anos que estava jogando na Europa. Quanto às competências intrapessoais, posso dizer que estar vivendo fora do seu país, sendo contratado por uma equipe e tendo resultados e expectativas caindo sobre você é uma grande experiência de autoconhecimento e resiliência. Independente do clube que atuei no exterior, em todos eu passei por situações de atletas locais querendo "derrubar" o estrangeiro, colocando a culpa em você pelas costas por alguma derrota. A partir disso, fui me tornando mais introspectivo, reflexivo e atento a tudo a minha volta. As lesões - que por um lado são vistas como um ponto negativo na vida de um atleta - foram também meus momentos de traçar metas para a vida pós carreira, pensar nos estudos, investimentos, etc.

Transição de Carreira

Pensar em parar de jogar sempre foi algo que me apertava o coração. Eu não sabia muito o que seria de mim fora das quadras, minha dependência daquilo sempre foi enorme. Financeiramente falando, parar de jogar me traria uma baixa grande nos rendimentos mensais, porém eu já sabia que assim como eu batalhei para chegar aonde havia chegado com o voleibol, eu teria que fazer o mesmo para qualquer outra coisa que eu fosse fazer. Foi então que eu decidi resgatar o plano antigo que tive lá no início da carreira que era me envolver com o vôlei de praia quando ficasse mais velho.

Me matriculei no curso de Educação Física e me envolvi em um projeto de escolinha de vôlei de praia. Durante os quatro anos de Educação Física eu tive a grata oportunidade de aprender muito com meus professores. Como eu trazia uma grande bagagem das experiências vividas durante minha carreira esportiva, assumi funções de monitoria, me envolvi em cursos e assumi a responsabilidade dos trabalhos acadêmicos. Tudo isso porque eu tinha claro em minha mente que a partir desse empenho e fazendo o "passo a passo" (dedicação), eu teria maiores chances de conquistar um lugar de destaque nessa nova carreira. Como o trabalho duro, o esforço, a dedicação e a perseverança sempre foram características fortes durante minha carreira, eu encarava tudo isso como um desafio para alcançar as minhas novas metas.

Ao longo do tempo criei uma rede de relacionamentos profissionais que foram abrindo diferentes oportunidades. Atuei como gestor em um projeto de ressocialização de menores em conflito com a lei, passei a juntar pessoas de grupos diferentes para fazer negócios e fui uma espécie de "capitão" que geria os assuntos entre jogadores, treinadores e diretoria. Esses são aspectos sutis que trago lá do esporte para a minha vida, ou seja, a capacidade de entender o contexto, a conexão com os demais, a coletividade.

Já na minha atuação como treinador após a graduação, trago da vida de atleta um acumulado de experiências positivas que tive com vários treinadores e busco aplicar isso aos meus atletas. Criei o hábito que estar presente na vida dos meus atletas a partir de conversas sobre nossas vidas, relatando meus anseios enquanto treinador, expondo minhas experiências de vida, mas principalmente ouvindo com atenção e carinho os anseios deles, as experiências e as dúvidas. Assim trocávamos "figurinhas" sobre a vida. Além desse trato pessoal entre treinador e atleta, também trouxe para minha atuação como treinador a sistematização do treino, tal qual faziam meus treinadores da base na "salinha" antes dos treinos.

Em paralelo à carreira de treinador, minha rede de relacionamento me oportunizou ingressar no meio empresarial, tornando-me sócio administrador de um complexo esportivo indoor de esportes de areia. Na época do voleibol profissional eu gostava muito de me envolver com a diretoria, patrocinadores, torcedores e treinadores. Evidentemente, em função das próprias demandas dos clubes, hoje me vejo usando muitas das estratégias organizacionais e administrativas que presenciei em minha carreira. Como exemplo, passei a criar rotinas diárias para a gestão do negócio em que cada colaborador tem sua responsabilidade. Outro ponto que valorizo é o atendimento aos clientes.

Sempre que estou na empresa, busco me aproximar de todos os presentes para que eles se sintam mais conectados ao local, tal qual faço como treinador com meus atletas. Ainda posso relatar as constantes confraternizações que organizamos lá para que pessoas que não se conhecem possam se aproximar, assim como tínhamos nos clubes ao final de cada jogo, em que ficávamos na tribuna de honra jantando e confraternizando com torcedores, patrocinadores e diretores.

Nesse período também tive a oportunidade de ingressar no mestrado, que por afinidade com a temática que o laboratório de estudos vinha estudando, acabou me despertando essa vontade em qualificar um pouco mais a minha prática pedagógica. Não foi fácil a adaptação àquele ambiente acadêmico que eu desconhecia, mas aos poucos fui me inserindo nos grupos de pesquisa, mostrando um pouco das minhas experiências, minhas virtudes e minhas fraquezas e logo virei parte daquela "família". Durante a minha trajetória no mestrado, fui me tornando ainda mais reflexivo ao ponto de ser capaz de olhar para minha trajetória esportiva e entender que o esporte de rendimento é um ambiente complexo e rico em termos de experiências, competências, crenças, valores, símbolos e habilidades pessoais que são desenvolvidas por pessoas, pelo contexto e por nossos próprios princípios ao longo do tempo.

Discussão

Esta pesquisa autoetnográfica teve como objetivo apresentar as percepções de um ex-atleta de voleibol sobre as experiências de desenvolvimento e transferência de HV. Por meio da narrativa apresentada, identificou-se que diversos fatores influenciaram no desenvolvimento de HV, com destaque para as experiências positivas e negativas nos contextos vivenciados e a relação com os treinadores esportivos, tanto nas categorias de base quanto no alto rendimento. Entre as HV relatadas pelo autoetnógrafo estão: dedicação, controle emocional, comunicação, resiliência, respeito, comprometimento, disciplina e estabelecimento de metas. Ao longo da carreira profissional no voleibol, mas sobretudo após a aposentadoria, algumas dessas HV puderam ser transferidas para o contexto universitário, profissional (no papel de treinador esportivo) e empresarial. Estes achados corroboram estudos prévios quanto ao desenvolvimento de HV em diferentes níveis competitivos (Camiré et al., 2009; Hardcastle et al., 2015) e posterior transferência para contextos além do esporte (Kendellen & Camiré, 2020; Subijana et al., 2020).

Neste processo complexo de desenvolvimento humano, o treinador esportivo surge como uma figura central em diferentes etapas da carreira. Mesmo em momentos negativos, os treinadores contribuíram significativamente nas experiências a partir da mediação das situações de estresse, da criação do ambiente positivo, do encorajamento e do acolhimento fraterno. De fato, os estudos que investigam o desenvolvimento de jovens por meio do esporte (Pierce et al., 2017; Strachan, Fraser-Thomas, & Nelson-Ferguson, 2016) sugerem que a presença de um indivíduo externo ao ciclo familiar (no caso, o treinador) tem papel fundamental neste processo (Gould, Dieffenbach, & Moffett, 2002). No entanto, este estudo avança nesta concepção ao identificar a mudança de um treinador com relação mais

fraternal nas categorias de base para um treinador mais responsável pela gestão da equipe no alto rendimento. Essa transição na relação entre treinador-atleta possibilitou o desenvolvimento pessoal do participante e a ampliação da visão acerca dos aspectos presentes no esporte de alto rendimento, como as disputas de ego, as decisões conjuntas com a equipe, a cobrança por resultados positivos e as experiências internacionais.

De fato, a cobrança imposta pelo ambiente profissional (torcida, imprensa, diretoria e pares) exigiu do participante a gestão das próprias emoções para não influenciar negativamente no seu desempenho esportivo. O ingresso no esporte profissional, por envolver diferentes agentes (diretoria, treinadores, atletas, torcedores, imprensa) e situações na vida dos atletas (cobrança excessiva, interação com torcedores e imprensa, convívio com os pares) tende a potencializar suas emoções colocando o atleta em situação de insegurança momentânea (Anderson, 2012). A transição para a carreira esportiva internacional também se mostrou outro ponto chave. As constantes mudanças de clubes, culturas, idiomas e formas de jogo levaram-no ao aprimoramento da capacidade de adaptação à diferentes contextos e situações de jogo. Portanto, assim como em estudos anteriores (Jones & Lavalley, 2009; Kendellen & Camiré, 2020), percebeu-se que diversas das HV desenvolvidas pelo participante foram consequência das características inerentes da modalidade e das experiências que aconteceram naturalmente ao longo de sua trajetória esportiva.

Entender o esporte de alto rendimento como uma fonte de prazeres e frustrações intensas na vida de um atleta devido às constantes situações de derrotas, vitórias, punições e recompensas nos treinamentos e competições é um aspecto a ser destacado. Fontes e Brandão (2013) identificaram diversas experiências negativas vivenciadas por ex-atletas brasileiras de alto rendimento na modalidade de basquetebol, como as lesões e cirurgias, a cobrança por resultados positivos e os conflitos com demais atletas. Theberge (2008), ao entrevistar atletas internacionais de remo, hóquei sobre grama e luta greco-romana, também enaltece os riscos à saúde gerados a partir das altas demandas de treinos e competições. No entanto, o participante deste estudo e dos estudos de Fontes e Brandão (2013) e Theberge (2008) apresentam, de modo geral, um consenso de que as experiências positivas sobressaem às negativas e que o aprendizado que carregam para toda a vida é inquestionável. Deste modo, sugere-se que estudos futuros avancem na compreensão do contributo psicossocial do esporte para o desenvolvimento pessoal e enfrentamento de desafios diários em outros contextos.

Diferentemente da transição na carreira, que contempla as mudanças nas diferentes etapas e categorias ao longo da trajetória do atleta, a transição de carreira refere-se ao encerramento da trajetória esportiva (Barros, 2008). No caso do participante deste estudo, este processo de transição de carreira possibilitou o ingresso em novos contextos e favoreceu a transferência de HV desenvolvidas ao longo de sua vida. Para Pierce, Gould e Camiré (2017), quatro fatores influenciam o processo de transferência de HV, são eles: similaridade do contexto, oportunidades de uso de HV, suporte para transferência e recompensa por transferir HV. Devido a atuação do autoetnógrafo como treinador esportivo em projetos de vôlei de praia, acredita-se que a "similaridade do contexto" facilita suas "oportunidades de uso de HV". Este aspecto também é demonstrado por Santos e Callary (2018)

ao investigar a transição de um atleta de alto rendimento para a carreira de treinador com foco no desenvolvimento positivo de jovens. Ainda com relação à transferência de HV, o participante indica que a dedicação completa ao contexto de alto rendimento durante um longo período o levou a encarar de maneira diferente os desafios encontrados fora do contexto esportivo. De fato, o tempo é uma das dimensões presentes tanto no processo de desenvolvimento humano (Lee & Martinek, 2013) quanto no desenvolvimento de HV (Pierce et al., 2017). Assim, quanto maior a duração da participação ativa de um indivíduo em um contexto que conte com atividades e relações significativas, maior é o seu potencial de desenvolvimento (Lee & Martinek, 2013; Pierce et al., 2017). Especificamente para a transferência de HV, o tempo contribui para que o indivíduo possa ressignificar as experiências prévias em aprendizagens e utilizá-las em outros contextos para o próprio benefício (Pierce et al., 2017). No caso do autoetnógrafo, a recompensa por transferir HV pode ser percebida como uma necessidade para seu sucesso empresarial a partir das boas relações com clientes, da liderança e da gestão de pessoas.

Considerações finais

O contexto do esporte de alto rendimento proporcionou diversas experiências de aprendizagem intensas ao participante, sendo estas positivas e negativas. Estes aprendizados foram consequência das relações com os treinadores nas diferentes etapas de transição na carreira e das características inerentes ao esporte de alto rendimento, como as competições, treinamentos, desafios, conquistas e frustrações. De modo geral, esses aspectos permitiram com que o participante desenvolvesse importantes comportamentos, valores e atitudes para a manutenção no contexto competitivo e aprimoramento do próprio desempenho atlético, ou seja, habilidades para o esporte. Contudo, na medida em que experiências similares foram sendo vivenciadas fora do contexto esportivo, seja durante ou após a transição de carreira no alto rendimento, as habilidades para o esporte passaram a ser aplicadas no dia a dia do autoetnógrafo, tornando-as HV.

Os achados também permitem reflexões acerca do papel de treinadores no processo de desenvolvimento de atletas a longo prazo. Na presente narrativa, o papel do treinador ficou evidente em determinados momentos da trajetória esportiva, sobretudo nos momentos mais desafiadores da carreira. Esse suporte alterou-se de acordo com o momento vivenciado, sendo mais fraternal nas categorias de base e mais próximo de um gestor na fase adulta. Assim, sugere-se que os exemplos comportamentais e as competências interpessoais dos treinadores atuaram como um fator chave no desenvolvimento pessoal e profissional do autoetnógrafo.

Apesar da dificuldade encontrada em perceber e relatar a transferência de HV para os contextos atuais, os achados do estudo permitem considerar que as HV se apresentam mais evidentes no ambiente acadêmico após o encerramento da carreira atlética e no trabalho, podendo sugerir que este fato aconteça devido a maneira mais racional e ponderada que o indivíduo realiza suas ações. Para futuras pesquisas, sugere-se a realização de estudos que englobem outras fontes de informação acerca da transferência de HV em atletas de alto rendimento, como treinadores, pares e familiares.

Referências

- Anderson, D. (2012). A balanced approach to excellence: Life-skill intervention and elite performance. *Reflective Practice, 13*(4), 609-620. doi:10.1080/14623943.2012.670625
- Baker, B. J., Zhou, X., Pizzo, A. D., Du, J., & Funk, D. C. (2017). Collaborative self-study: Lessons from a study of wearable fitness technology and physical activity. *Sport Management Review, 20*(1), 114-127. doi:10.1016/j.smr.2016.10.008
- Barros, K. S. (2008). Recortes da transição na carreira esportiva. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte, 2*(1), 1-26. doi:10.31501/rbpe.v2i1.9275
- Callary, B., Werthner, P., & Trudel, P. (2012). How meaningful episodic experiences influence the process of becoming an experienced coach. *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health, 4*(3), 420-438. doi:10.1080/2159676X.2012.712985
- Camiré, M., Trudel, P., & Forneris, T. (2009). High school athletes' perspectives on support, communication, negotiation and life skill development. *Qualitative Research in Sport and Exercise, 1*(1), 72-88. doi:10.1080/19398440802673275
- Ciampolini, V., Milistetd, M., Kramers, S., & Nascimento, J. V. (2020). O que são life skills e como integrá-las no esporte brasileiro para promover o desenvolvimento positivo de jovens? *Journal of Physical Education, 31*(1), 1-12. doi:10.4025/jphyseduc.v31i1.3150
- Ciampolini, V., Milistetd, M., Milan, F. J., Palheta, C. E., Silva, N., & Nascimento, J. V. (2020). Percepções sobre um projeto esportivo organizado para o desenvolvimento de habilidades para a vida. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte, 10*(1), 62-85. doi:10.31501/rbpe.v10i1.11372
- Ciampolini, V., Tozetto, A. V. B., Milan, F. J., Camiré, M., & Milistetd, M. (2020). Lifelong learning pathway of a coach developer operating in a national sport federation. *International Journal of Sports Science & Coaching, 15*(3), 428-438. doi:10.1177/1747954120912384
- Côté, J., Strachan, L., & Fraser-Thomas, J. (2008). Participation, personal development and performance through youth sport. In N. Holt (Ed.), *Positive youth development through sport* (pp. 34-45). Abingdon: Routledge.
- Danish, S. (1983). Musings about personal competence: The contributions of sport, health, and fitness. *American Journal of Community Psychology, 11*(3), 221-240.
- Danish, S., Forneris, T., Hodge, K., & Heke, I. (2004). Enhancing youth development through sport. *World Leisure Journal, 46*(3), 38-49. doi:10.1080/04419057.2004.9674365
- Ellis, C., Adams, T. E., & Bochner, A. P. (2011). Autoethnography: an overview. *Historical Social Research/Historische Sozialforschung, 273-290*.
- Fontes, R. C. C., & Brandão, M. R. F. (2013). A resiliência no âmbito esportivo: uma perspectiva bioecológica do desenvolvimento humano. *Motriz, 19*(1), 151-159. doi:10.1590/S1980-65742013000100015.
- Goudas, M., & Giannoudis, G. (2010). A qualitative evaluation of a life-skills program in a physical education context. *Hellenic Journal of Psychology, 7*(3), 315-334.

Gould, D., Dieffenbach, K., & Moffett, A. (2002). Psychological characteristics and their development in Olympic champions. *Journal of Applied Sport Psychology*, 14(3), 172-204. doi:10.1080/10413200290103482

Hardcastle, S. J., Tye, M., Glassey, R., & Hagger, M. S. (2015). Exploring the perceived effectiveness of a life skills development program for high-performance athletes. *Psychology of Sport and Exercise*, 16(3), 139-149. doi:10.1016/j.psychsport.2014.10.005

Holt, N. L. (2003). Representation, legitimation, and autoethnography: An autoethnographic writing story. *International Journal of Qualitative Methods*, 2(1), 18-28. doi:10.1177/160940690300200102

Jenny, S., & Rhodes, S. (2017). Physical education professionals developing life skills in children affected by poverty. *Physical Educator*, 74(4), 653-671. doi:10.18666/TPE-2017-V74-I4-7524

Jones, M. I., & Lavalley, D. (2009). Exploring perceived life skills development and participation in sport. *Qualitative Research in Sport and Exercise*, 1(1), 36-50. doi:10.1080/19398440802567931

Kendellen, K., & Camiré, M. (2020). A creative non-fiction story of an athlete's journey through the life skills application process. *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*, 1-16. doi:10.1080/2159676X.2020.1803392

Kerwin, S., & Hoerber, L. (2015). Collaborative self-ethnography: Navigating self-reflexivity in a sport management context. *Journal of Sport Management*, 29(5), 498-509. doi:10.1123/jsm.2014-0144

Lapadat, J. C. (2017). Ethics in autoethnography and collaborative autoethnography. *Qualitative Inquiry*, 23(8), 589-603. doi:10.1177/1077800417704462

Lee, O., & Martinek, T. (2013). Understanding the transfer of values-based youth sport program goals from a bioecological perspective. *Quest*, 65(3), 300-312. doi:10.1080/00336297.2013.791871

Pierce, S., Gould, D., & Camiré, M. (2017). Definition and model of life skills transfer. *International Review of Sport and Exercise Psychology*, 10(1), 186-211. doi:10.1080/1750984X.2016.1199727

Rappaport, H., Enrich, K., & Wilson, A. (1985). Relation between ego identity and temporal perspective. *Journal of Personality and Social Psychology*, 48(6), 1609-1620. doi:10.1037/0022-3514.48.6.1609

Rinehart, R. E. (2005). "Experiencing" sport management: The use of personal narrative in sport management studies. *Journal of Sport Management*, 19(4), 497-522. doi:10.1123/jsm.19.4.497

Romand, P., & Pantaléon, N. (2007). A qualitative study of rugby coaches' opinions about the display of moral character. *The Sport Psychologist*, 21(1), 58-77. doi:10.1123/tsp.21.1.58

Santos, F., & Callary, B. (2018). An athlete's journey to become a positive development-focused coach through professional football: moving between theory and practice. *Sports Coaching Review*, 9(1), 71-94. doi:10.1080/21640629.2018.1558897

Schinke, R. J., Blodgett, A. T., McGannon, K. R., & Ge, Y. (2016).

Finding one's footing on foreign soil: A composite vignette of elite athlete acculturation. *Psychology of Sport and Exercise*, 25, 36-43. doi:10.1016/j.psychsport.2016.04.001

Smith, B., & McGannon, K. R. (2018). Developing rigor in qualitative research: Problems and opportunities within sport and exercise psychology. *International Review of Sport and Exercise Psychology*, 11(1), 101-121. doi:10.1080/1750984X.2017.1317357

Spalding, N. J., & Phillips, T. (2007). Exploring the use of vignettes: From validity to trustworthiness. *Qualitative Health Research*, 17(7), 954-962. doi:10.1177/1049732307306187

Strachan, L., Fraser-Thomas, J., & Nelson-Ferguson, K. (2016). An ecological perspective on high performance sport and positive youth development. In N. L. Holt (Ed.), *Positive youth development through sport* (Vol. 2, pp. 57-68). Abingdon: Routledge.

Subijana, C. L., Ramos, J., Harrison, C. K., & Lupo, C. (2020). Life skills from sport: the former elite athlete's perception. *Sport in Society*, 1-14. doi:10.1080/17430437.2020.1820991

Swann, C., Telenta, J., Draper, G., Liddle, S., Fogarty, A., Hurley, D., & Vella, S. (2018). Youth sport as a context for supporting mental health: Adolescent male perspectives. *Psychology of Sport and Exercise*, 35, 55-64. doi:10.1016/j.psychsport.2017.11.008

Theberge, N. (2008). "Just a Normal Bad Part of What I Do": Elite Athletes' Accounts of the Relationship Between Health and Sport. *Sociology of Sport Journal*, 25(2), 206-222. doi:10.1123/ssj.25.2.206

Tozetto, A. V. B., Galatti, L. R., Scaglia, A. J., Duarte, T., & Milistetd, M. (2017). Football coaches' development in Brazil: a focus on the content of learning. *Motriz*, 23(3), 1-9. doi:10.1590/s1980-6574201700030017

Wylleman, P. (2019). A developmental and holistic perspective on transiting out of elite sport. In M. H. Anshel, T. A. Petrie, & J. A. Steinfeldt (Eds.), *APA Handbook of Sport and Exercise Psychology* (pp. 201-216). Washington DC: American Psychological Association.

Sobre o autor

Eduardo Leal Goulart Nunes

Mestre em Educação Física
Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil
Programa de Pós-Graduação em Educação Física – PPGEF

Vitor Ciampolini

Mestre em Educação Física
Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil
Programa de Pós-Graduação em Educação Física – PPGEF

Michel Milistetd

Doutor em Educação Física
Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil
Departamento de Educação Física – DEF

Contato

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Michel Milistetd

Rua Sebastião Laurentino da Silva, 365, Córrego Grande

Florianópolis – SC

88037-400

E-MAIL

michel.milistetd@ufsc.br